Psicologia em Ênfase

v.1, n. 2, p. 96-106. Novembro/2020

O surgimento da psicanálise: uma escuta do sintoma e da histeria

Jaquelyne Rosatto Melo [1]
Marcela Toledo França de Almeida [2]

Resumo

A origem da psicanálise data da escuta que Freud empreende das histéricas da burguesia de Viena no final do século XIX. A partir deste dado, este artigo empreende um revisionismo bibliográfico em busca de compreender alguns dos conceitos que compuseram o início da teoria freudiana, sendo eles a histeria, o sintoma e complexo de Édipo, com um recorte no que esses elementos tangem o feminino. A partir dessa discussão, o texto debruçasse sobre os desdobramentos na obra lacaniana da empreitada freudiana, enfocando os conceitos de falta e gozo. Assim como a falta se mostra, ao longo do artigo, como fundadora da organização psíquica histérica, o texto tenta mostrar como ela também movimenta a própria produção psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise; Histeria; Sintoma.

Abstract

The origin of psychoanalysis dates from Freud's listening to the hysterics of the Vienna bourgeoisie at the end of the 19th century. Based on this data, this article engages in bibliographic revisionism in an attempt to understand some of the concepts that composed the beginning of Freudian theory, namely hysteria, the symptom, and the Oedipus complex, with an outline in which these elements touch the feminine. Based on this discussion, the text explores the developments in the Lacanian work of the Freudian undertaking, focusing on the concepts of lack and jouissance. Thereby the lack shows itself throughout the article as the founder of the hysterical psychic organization. Thus this article attempts to show how it also moves the psychoanalytic production itself.

Keywords: Psychoanalysis; Hysteria; Symptom.

[1] Graduada em psicologia (UFG); Mestra em Processos Psicossociais e educacionais pela Universidade Federal de Goiás; Psicanalista. E-mail: j.rosatto@hotmail.com

[2] Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília; Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás; Psicanalista. E-mail: marcelapsiufg@gmail.com

Os estudos freudianos sobre a histeria inauguraram no final do século XIX uma nova forma de se entender o que, na época, eram chamadas de patologias da mente. Foi a partir destas elaborações que Sigmund Freud desenvolveu sua teoria da sexualidade infantil, base de toda a psicanálise. Por isso é comum a conclusão de que a psicanálise surgiu a partir do discurso das histéricas. Isto é, a psicanálise surgiu da clínica, da escuta que Freud se propôs a fazer das queixas de suas pacientes. E desta forma, é possível compreender a importância que a histeria tem para toda a psicanálise.

Foi Freud quem iniciou o processo de despatologização da histeria, entendendo essa organização psíquica como um modo de defesa do sujeito e não uma doença. Neste texto será apresentada a construção sobre o modo de funcionamento das histéricas que remete a luta permanente entre o desejo e as possibilidades de gozo destas. Esse trajeto, do desejar e do gozar, implica um longo processo e diz bastante do funcionamento psíquico dessas mulheres e das possibilidades que se

apresentam ao longo desse caminho, que influencia também no caminho ao que se acostumou a chamar feminilidade.

Por mais que a histeria seja, para Freud, uma organização de primazia feminina, ele não se debruçou à questão da feminilidade com tanto afinco, uma vez que ele só chegou a esta temática no final de sua vida e produção. Mas em um de seus últimos textos dedicado exclusivamente a esse assunto, *Feminilidade (1933/2006),* ele deixou uma grande pergunta: "Afinal, o que querem as mulheres?". Vários autores se propuseram a continuar este estudo, mas foi Jacques Lacan sem dúvida se destacou como o pós-freudiano que revisitou com maestria esta questão. Talvez uma primeira questão que deva ser atribuída a Lacan e explicitação da não coincidência entre histeria, feminino e mulher, termos que muitas vezes se confundiram na obra freudiana. É na tentativa de contribuir com essa discussão que esse texto se estrutura, refazendo o caminho do surgimento da psicanálise para assim situar a histeria neste processo.

A origem da psicanálise

Na cidade de Viena no século XIX surgiram, a partir de um médico, questionamentos que iriam transformar radicalmente os postulados médicos sobre as doenças mentais. O fenômeno da histeria estava em evidência em toda a Europa e recebia atenção especial de vários médicos, como, Charcot, um francês com quem Freud estudou por algum tempo. Charcot foi um dos responsáveis por retirar da histeria o caráter demoníaco e de possessões que lhe eram conferidos nos séculos passados. Mas foi com o amadurecimento dos estudos do jovem Freud que a sociedade vienense pode ver emergir algo realmente inovador, uma teoria de ordem sexual que mudaria a forma de se pensar o sujeito para sempre.

Freud investigou a fundo a histeria, e a partir destes estudos formulou toda a fundamentação teórica psicanalítica, por isso é inegável a importância dessa organização psíquica para esse novo saber acerca do homem. Freud se propôs a escutar de forma diferente os seus pacientes, isto é, ele não pensava apenas no orgânico quando ouvia os relatos dos sintomas. Freud se atentava ao sofrimento que lhe era relatado na fala dos que o procuravam, muito para além de um corpo de carne, mas de um corpo carregado de afeto. Este trabalho o levou a uma construção de despatologização da histeria ao longo de sua obra, passando a entendê-la como um modo particular de lidar com o desejo e com a falta inerentes ao ser humano e não mais como uma doença, isto é, como uma forma de se organizar psiquicamente frente a algo que não podia ser alcançado, a saber a completude.

O primeiro caso de histeria com que Freud teve contato, se propondo a esta escuta foi o de Anna O, uma paciente de Breuer, que posteriormente veio a se tratar também com Freud. O caso de Anna O. resultou num texto de 1881 que está localizado no segundo volume (1893-1895) da obra completa de Freud, juntamente com outros textos escritos por Freud e Breuer acerca da histeria. Por se tratar dos primeiros casos pode-se notar nesses escritos um manejo bastante rudimentar da técnica e dos conceitos que permeiam o tratamento da histeria na clínica psicanalítica, mas ele foi fundamental para o início da descoberta da sexualidade infantil e do inconsciente, conceitos que contribuíram para tornar Freud um dos pensadores da constituição humana mais importantes da história.

Foi Anna O. que usou pela primeira vez o termo "cura pela fala" referindo-se ao alívio que sentia toda vez que tinha longas conversas com seu médico, Freud. Este relata os desaparecimentos dos sintomas de sua paciente logo após Anna narrar em estado hipnótico os eventos que os haviam provocados. O tratamento desta paciente possibilitou entender o sintoma como um ato que, de alguma forma, traz sofrimento ou desprazer ao sujeito. Esses sintomas têm origem num conflito de ordem psíquica entre

forças libidinais e o senso de autopreservação do sujeito. Quando as forças libidinais, por motivos diversos, insistem em fixar-se em alguma das fases do desenvolvimento, o ego experiência uma repressão neste ponto de fixação, e é esse jogo de forças opostas a raiz dos sintomas neuróticos, que se constituirá como um novo método de satisfazer a libido (FREUD, 2006).

Freud conceituará posteriormente como *catexia* este movimento de dar vazão à libido que foi reprimida, isto é, tornar consciente algo que por ir contra os padrões morais estabelecidos na infância do sujeito foram levados a se tornarem inconscientes. Também no caso de Anna O, pela primeira vez o termo "inconsciente" foi publicado na obra freudiana em seu sentido psicanalítico:

> Cada uma de suas hipnoses a noite oferecia provas de que a paciente estava inteiramente lúcida e bem ordenada em sua mente e normal no tocante a seus sentimentos e a sua volição, desde que nenhum dos produtos de seu estado secundário atuasse como um estímulo 'no inconsciente'. (FREUD, 1881/2006, p. 79).

Já nessa época Freud dava notícias do que teorizaria a posteriori, de que o inconsciente e toda sua complexidade é o responsável pela construção da subjetividade humana. Em *Uma nota sobre o Inconsciente*, Freud (1912/2006), com um caminho teórico bem mais elaborado exprime essa ideia de forma clara:

> A inconsciência é uma fase regular e inevitável nos processos que constituem nossa atividade psíquica; todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode permanecer assim ou continuar a evoluir para a consciência, segundo encontra resistência ou não. (FREUD, 1912/2006, p.283)

Freud demostra que os sintomas histéricos são uma das formas do inconsciente se apresentar na realidade, e como fatores dela podem trazer a tona conteúdos psíquicos que estavam latentes nesta instância psíquica. Cabe ressaltar que tudo que é reprimido se torna inconsciente, mas que isso não constitui todo o material psíquico presente no inconsciente. Este é mais amplo e abarca tudo que um dia fora consciente, principalmente no que tange a infância do sujeito.

Só é possível obter notícias do inconsciente e da sua existência a partir de suas manifestações, ou seja, através dos sonhos, chistes, atos falhos e esquecimentos, mas mesmo assim os pensamentos provenientes dele ainda são deformados. Essa deformação se deve ao fato de que o inconsciente possui uma lógica própria, que não segue a do consciente, portanto quando ele se apresenta à consciência, traz consigo traços de suas leis próprias e de seu caráter dinâmico, como a atemporalidade e ausência de contradição. Foi na tentativa de compreender as manifestações inconscientes das histéricas que Freud se deparou com a sexualidade infantil tão bem discutida e explicada em seu texto de 1905, *Três ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905/2006).

Será exatamente essa descoberta freudiana a orientadora de todos os estudos deste autor, e de todas as conclusões sobre a subjetividade humana, enfatizando a constituição do sujeito a partir da direção tomada por sua energia sexual. Evidentemente, há caminhos possíveis a esta energia, como na histeria ou em qualquer outra organização psíquica. Este trabalho pretende dar especial atenção aos mecanismos da mulher histérica, por compreender que a escolha metodológica do trabalho justifica esse recorte, uma vez, o uso da histeria aqui é para ilustrar o início da psicanálise, e foi a partir deste grupo que Freud construiu seus estudos.

O complexo de Édipo e sua importância para a histeria

Nos *Três Ensaios sobre Sexualidade*, Freud (1905/2006) detalhou toda sua

formulação sobre a sexualidade presente na criança desde o seu nascimento. A princípio se faz necessário elucidar que o sexual postulado por Freud está para além de órgãos genitais e a necessidade de reprodução. Por mais que abarque esses elementos não se restringe a eles. Quando ele diz da sexualidade infantil, refere-se à relação erótica que a criança estabelece com o mundo numa busca constante de prazer e numa consequente fuga do desprazer. Freud enfatiza que o corpo da criança é pulsional, que emana de várias zonas erógenas pulsões parciais que tendem na infância a uma satisfação autoerótica, entendendo zonas erógenas como parte do corpo que produz prazer. Quanto à pulsão Freud traz nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905/2006), uma explicação do termo:

> Por 'pulsão' podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do 'estímulo', que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. (FREUD, 1905/2006, p.159)

Desde o nascimento o sujeito é tomado por esta força psíquica que busca satisfação. A pulsão percorre um caminho no corpo da criança, até esta alcançar a sua maturidade sexual. Esse caminho é chamado de fases ou estádios do desenvolvimento sexual, ou libidinal. Em cada fase a criança se relaciona de forma diferente com o objeto. Esse desenvolvimento não pode ser compreendido de forma pragmática, as fases que serão descritas podem se sobrepor, coincidir, ou até mesmo acontecer numa ordem diferente.

Para Freud o primeiro órgão que atua como zona erógena é a boca, ou seja, a oralidade é a primeira forma que a satisfação pulsional do corpo da criança assumirá. Segundo Costa (2010), todos os esforços psíquicos deste período são a fim de satisfazer as necessidades desse órgão. Ao observar um bebê recém-nascido percebe-se, por exemplo, que o ato de chupar vai além de um instinto de sobrevivência, nota-se satisfação ao fazê-lo, é busca por prazer, e nisso consiste o caráter sexual dessa força, ou seja, ao sugar o peito da mãe, não é apenas leite que a criança recebe, mas também afeto, algo que a liga ao objeto, um encantamento mediante a satisfação.

Depois emerge a fase anal sádica, que pode ser constatada com o comum hábito das crianças manusearem suas próprias fezes. Freud explica de forma sucinta em *Esboço de Psicanálise (1940/2006)*, como se relaciona o sadismo e a agressividade dessa fase: "Nossa justificativa para incluir na libido os impulsos agressivos baseia-se na opinião de que o sadismo constitui uma fusão instintiva de impulsos puramente libidinais e puramente destrutivos [...]" (FREUD, 1940/2006, p. 167).

A terceira fase é chamada de fálica, e nela se iniciam as descobertas das distinções anatômicas que marcam o corpo da menina e do menino. Ambos os sexos partem da ideia de que o órgão genital masculino existe para os dois, ou seja, da noção de *universalidade do pênis*. O menino caminhará para a relação edipiana, em que começa a pensar no seu órgão genital e relacioná-lo a desejos sexuais com a mãe. Nesse período o menino direciona ao pai sentimentos ambivalentes de amor e de hostilidade, uma vez que, esse possui seu objeto de desejo. A impossibilidade de ter a mãe e o medo da eminência de que o seu pênis seja retirado, assim como ele acredita que aconteceu com as mulheres, provoca o maior trauma de sua vida e embota essa sexualidade. Esse período é chamado de latência. Nesse ponto o menino em certa medida, abdica seu amor pela mãe e identifica-se com a figura paterna. No período de latência a criança investe sua energia sexual em satisfações secundárias, culturais e coletivas, e não diretamente referidas à erogeneidade dos genitais. Ao final deste período tal energia ganhará outro destino configurando o início da fase genital, considerada como o

amadurecimento sexual da vida do sujeito, em que há "uma coordenação do impulso geral em direção ao prazer na função sexual" (FREUD,1940 /2006, p.168).

O caminho percorrido pela menina desde sua entrada na fase fálica é de fundamental importância para esse trabalho, uma vez que, os conteúdos emergentes neste estádio serão de suma importância para a compreensão da histeria na mulher e seus mecanismos de defesa. A relação edipiana é a raiz para a ideia de complexo nuclear presente nas neuroses. Esse complexo se relaciona com o saber das crianças sobre a origem dos filhos, seu primeiro conflito psíquico que constituirá o complexo nuclear de uma neurose (COSTA, 2010).

Na fase fálica há uma impossibilidade de *representação* psíquica por parte da menina, uma vez que ela representa o que não há, o castrado. Ela precisa abandonar a erotização clitoridiana, que seria o correlato do falo, e passar à erotização vaginal, assim a menina confirma sua inferioridade anatômica e abandona o caráter ativo da pulsão, transformando-a em pulsões sexuais passivas. Precisa, também, buscar outros objetos para suprir essa falta fálica, assim seu afeto predominante no complexo de Édipo é a inveja do pênis. Nesse ponto a mulher se decepciona com a mãe, por acreditar que foi ela quem a castrou (COSTA, 2010). É importante aqui fazer uma ressalva quanto ao simbolismo deste processo. A inveja do pênis citada por Freud deve ser compreendida em seu sentido simbólico, isto é, o pênis enquanto um representante dos privilégios que na maioria das vezes são concedidos socialmente aos homens e furtado às meninas.

A menina, assim como o menino, possui uma forte ligação originária com a mãe, pois é ela que desde o nascimento erogeniza o corpo do bebê com cuidados com a higiene, realizados de forma afetiva e prazerosa para o bebê. Só que para passar pelo complexo de Édipo ela deverá abandonar essa primeira escolha objetal, a saber, a mãe e enamorar-se pelo pai, aquele que possui o falo e de quem ela acredita que receberá o que a mãe lhe negou. Essa passagem não se configura por um processo fácil, uma vez que, vem carregada de um ódio ambivalente que será convertido à mãe, por inúmeras acusações, como por exemplo, por ter amamentado pouco o seu bebê, ou pela traição de ter outro filho.

Serão as fantasias inconscientes da criança relacionadas ao caráter ilimitado das exigências da sexualidade infantil, somadas à angústia por responsabilizar a mãe pela falta do pênis em seu corpo que a farão abandonar esse amor incondicional pela figura materna. Num caminho normal desse abandono da satisfação ativa da libido, a menina identifica-se com a mãe e toma o pai como objeto, caminhando assim para a feminilidade uma das saídas edípicas do complexo feminino. Deve-se ressaltar que essa feminilidade só será estabelecida quando o desejo por ter o falo for substituído pelo desejo de se ter um filho, como elucida Freud na sua conferência XXXIII *Feminilidade*:

> No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (FREUD, 1933/2006, p.128)

Existem outros dois caminhos possíveis a essa energia sexual, elucidados por Freud em seu texto de 1931, *Sexualidade Feminina*. Com o reconhecimento da castração e a assumência de sua inferioridade a menina pode negar sua sexualidade e mostrar-se insatisfeita com o seu clitóris e assim abandonar qualquer atividade fálica. O segundo caminho do desenvolvimento consiste em uma luta de autoafirmação, em que a menina não aceita a ameaça à sua masculinidade e alimenta esperanças de possuir um pênis. Essa fantasia de se tornar um homem pode persistir como fator formativo, podendo, inclusive, resultar em uma escolha de objeto homossexual, o que não necessariamente representa todos os casos

de homossexualidade feminina. Sobre esse desenvolvimento e do que se segue Freud formula que:

> Assim nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as consequências culturais são menores e menos importantes. (FREUD, 1931/2006, 238)

É possível perceber a estreita relação entre o complexo de Édipo e o de castração, sendo este primeiro, na menina, oriundo da influência do segundo. Isto é, a castração se apresenta como algo que já aconteceu a ela, que não possui o representante fálico, desta forma o abandono ao amor objetal pela mãe e a escolha do pai para este lugar se mostra como a possibilidade de ao menos buscar isso que lhe falta. A menina fica por um longo tempo no complexo de Édipo e não o destrói de uma forma radical, ele é destruído de forma incompleta e tardiamente através de uma decepção com o pai, por este se mostrar incapaz de lhe dar o que ela deseja, o objeto *falo-bebê,* e também por medo de perder a mãe. Por ser tratar, a *priori* de algo que a menina já não possuía essa dissolução se mostra menos traumática para a menina que para o menino, e diz muito da constituição da mulher.

Costa (2010) teoriza a respeito das contribuições de Lacan acerca da construção do complexo de Édipo que para ele é coextensivo à função paterna, função esta que seria primordialmente a de instituir a Lei para a criança. Esta Lei está intimamente ligada a formação do supereu, a instância psíquica postulada por Freud como a responsável por instituir barreiras morais e culturais à pulsão do sujeito. Para Lacan, essa função nada tem a ver com a existência biográfica do pai, ela se relaciona com o simbólico, com a importância que a mãe dá a esse pai e que a criança recebe mediada pela linguagem. Por isso Lacan prefere chamar o complexo de Édipo de *Nome-do-pai,* enfatizando o caráter fundamental da linguagem nesse processo (COSTA, 2010).

Costa discute também que o Édipo para Lacan passa por três estágios antes de sua dissolução. Primeiramente, deve-se entender que o *eu* irá constituir-se como objeto após o bebê se sentir como *um* e não mais como um corpo despedaçado. Isso ocorre após o *estágio do espelho,* conceito lacaniano que faz referência ao período em que a criança começa a se enxergar no espelho e passará do autoerotismo ao narcisismo. A partir deste momento ela se reconhecerá e reconhecerá os objetos do mundo. O primeiro tempo lógico do Édipo refere-se a "*ser ou não ser o falo",* em que a criança vive uma condição de assujeitamento ao desejo da mãe. Ela ocupa o lugar de falo dessa mãe, isto é, sua identificação é com um objeto que poderia preencher a falta do outro. Por isso Lacan discute que essa relação deve ser entendida como mãe-criança-falo e não apenas mãe-criança, e por ela deve-se entender que a princípio nenhum dos dois estão completos, falta algo na mãe assim como falta no bebê. E nesse momento o pai reivindica junto à essa relação seu lugar fálico, ou seja, é ele o representante do significante do desejo da mãe, e assim efetiva-se a inscrição da Lei paterna nessa relação.

O segundo tempo lógico é o *"ter ou não ter o falo",* que é iniciado pela intervenção paterna, em que a criança passa a ver o pai como a figura fálica da família e com quem ela teria que competir pelo desejo da mãe. Assim, além de não ser mais o falo da mãe essa criança sofre a ameaça de não ter um falo, dando início ao complexo de castração. Essa lei do pai encontra respaldo na fala da mãe e assim a simbolização introduz uma mediação da linguagem na relação mãe-filho. A

simbolização da lei paterna marca o terceiro tempo lógico do Édipo, *"ter ou não ter o dom"*,

> Esse é o momento em que o complexo de Édipo declina e entram em jogo as identificações: o menino renunciando a ser o falo da mãe, identifica-se com aquele que supostamente detém o falo; a menina encontra uma possível identificação com a mãe sob a forma de não ter, mas de saber onde deve ir buscá-lo (COSTA, 2010, p.68).

É nesse jogo de identificações que o sujeito situará a busca pelo falo como um dos elementos que movimentam seu desejo. Esta busca e as formas por ela assumidas estão intimamente ligadas com a organização psíquica deste. A subjetividade de todo indivíduo está estruturada em um modo de defesa, que visa protegê-lo de traços sexuais traumáticos para o psiquismo, ou seja, o sexual enquanto partido, seccionado, remetendo-o às limitações, não só do corpo como de sua satisfação. Na histeria não é diferente, é a vocação para a conversão histérica que melhor caracterizará a defesa na histeria. O afeto com excitação psíquica é convertido em excitação somática formando o sintoma.

Por isso o sintoma, já discutido neste trabalho, é tão importante para se compreender a estrutura histérica. Ele é o resultado de uma luta pulsional travada pelo aparelho psíquico desse sujeito, que se apresenta como a única possibilidade de prazer em consonância com a realidade e seus padrões morais. Essa possibilidade é encontrada pela libido no corpo, ou seja, desse conflito resulta um acordo com a realidade em que o sujeito, de forma inconsciente, abre mão de um prazer exagerado para não mais ter que se a ver com um desprazer proporcional (MAURANO, 2010).

Denise Maurano discute que esse conflito psíquico está intrinsecamente referido ao próprio corpo da histérica, que aloja dor e prazer simultaneamente, uma vez que é convocado a cobrir a falta existente na condição humana, sem nunca alcançar o êxito. A completude está perdida no Outro, conceito que Lacan irá teorizar como do campo da linguagem, um conceito que mítico que se refere ao ponto de origem do sujeito, sua família, sua cultura, sua linhagem. E, por isso, a completude é um ideal limitado pela realidade. É a forma como se enfrenta essas limitações e se lida com esse Outro que garante ao indivíduo o caráter de sujeito e o confere alteridade.

Por mais que esse complemento esteja perdido é a busca por ele que movimenta o desejo da histérica. O desejo constitui-se como um impulso psíquico que tenta reinvestir a libido oriunda de uma primeira experiência de satisfação que teria sido vivida pelo bebê e que foi perdida pelo acordo do sujeito com a realidade, a fim de não experienciar o desamparo de seus primeiros estímulos, devido ao excesso de energia sem contenção representativa. Assim, esse objeto total estará perdido para sempre. Na busca desse objeto o desejo se vincula à falta, mas através da fantasia o sujeito tenta tornar essa falta suportável. Isso que se perdeu, que não poderá ser recuperado, é chamado por Freud, em seu Projeto de 1895, de *Das Ding* que diz do irrecuperável daquilo que falta (MAURANO, 2010).

Será com essa falta inerente ao ser humano que a histérica terá de se a ver, e é nela que o desejo se sustenta, em princípio pela forma de se lidar com a castração. A falta está para além do mundo dos objetos, ela pertence à própria constituição do sujeito, por isso, não faltam apenas objetos, faltam respostas. E a histérica amparada pelo campo das fantasias realiza aquilo que é o terror do obsessivo, ela joga com seu desejo o movimentando de forma a buscar a satisfação possível ainda que não completa.

A histérica gosta de ser um mistério a ser decifrado, mas mantida na não resposta. Uma vez que essas não existem, esse mistério deve ser reinventado e não respondido. O que aponta para a compreensão do feminino na

psicanálise, pois esta posição surge a partir da falta, da ausência do falo, como já foi dito. Restando a essa constituição, arranjos simbólicos bem mais complexos que a existência de um representante psíquico da diferença sexual no corpo, por isso o feminino revela-se por tantas máscaras. De todo modo, a histérica sabe que não tem o falo e age de modo a situá-lo como significante último do desejo, que deve ser reconhecido, mas jamais satisfeito (MAURANO, 2010, p. 97).

O desejo

Existe um dualismo entre ser homem e ser mulher, que é a grande questão da histeria. Freud descreve em sua teoria da sexualidade que o feminino é dado pelo que não é masculino, o que em sua origem já lhe aproxima da falta, do silêncio, ou seja, do que não é dito. Assim o feminino estaria em todos naquilo que aponta para o real, para o incontrolável e indomável. Desta forma, o feminino em sua essência extingue a ideia de totalidade, remete a um sujeito que está sempre em busca de algo que lhe fora tirado.

O feminino extrapola a noção anatômica da mulher, mas é importante ressaltar que parte desta para formar arranjos bem mais complexos. A princípio, é imprescindível compreender que a bissexualidade, como ressalta Freud em *Sexualidade feminina* (1931/2006), é uma disposição inata em toda ser humano, mas exerce maior influência no desenvolvimento da mulher. Esse movimento se deve a alguns fatores, entre eles o anatômico. Na mulher existem duas zonas erógenas, a vagina e o clitóris, enquanto no homem há apenas o pênis. E também ao fator das escolhas objetais. O homem não precisa abandonar sua primeira escolha para um desenvolvimento de sua sexualidade, ao passo que a menina, como já foi citado, precisa abandonar o investimento objetal materno e escolher o pai como objeto.

Freud (1905/2006), no seu texto *Três ensaios sobre a sexualidade*, faz uma ligação clara entre essa tendência universal da sexualidade humana, a bissexualidade, e o recalque. Ele aponta que será o recalque durante o desenvolvimento infantil o responsável por barrar os caracteres do sexo oposto no sujeito e levá-lo à monossexualidade, mas sempre com resíduos do sexo abandonado. Na mulher por uma questão anatômica, esses resíduos se mostram mais expressivos, uma vez que, a atividade do seu correspondente ao pênis, o clitóris, não cessa em sua maturidade sexual.

Pode-se relacionar que todo o movimento bissexual na infância da menina coopera para uma complicação da identificação com os objetos, principalmente no que tange o feminino e o masculino. Primeiro é preciso compreender que esta dualidade estará para o inconsciente em termos de ativo (masculino) e passivo (feminino), e não como uma teoria de gênero, uma vez que esta é única representação destas posições, acessível a esta instância psíquica.

Tendo em vista o que já foi exposto acerca do complexo de Édipo feminino e as considerações feitas por Freud em 1924, no texto *A dissolução do complexo de Édipo*, é possível compreender que este oferece à criança duas possibilidades de satisfação de sua libido, a ativa e a passiva. É exatamente esta escolha que caracteriza a *saída* do complexo de Édipo e que fundará o núcleo do supereu, considerado por Freud como um exemplo de identificação bem-sucedido. A menina, ao contrário do menino, não vê no complexo de castração um medo do que pode acontecer, e sim a necessidade de aceitação de um fato consumado (FREUD, 2006).

Neste sentido entende-se que a menina assume a posição feminina quando desinveste a imagem materna para identificar-se com ela, ou seja, ela deixa de querer ocupar o lugar da mãe para criar seu próprio lugar, não mais usurpando o outro, mas identificando-se com este a fim de obter um suposto saber que a mãe teria. Assim ela abandona os investimentos objetais e os substituí por uma identificação,

permitindo identificações posteriores que a constituirão como sujeito de desejo.

Temos posto então que o caminho para a feminilidade exige da menina três coisas que não são exigidas do menino: a menina precisa abandonar seu primeiro objeto de amor, a mãe, e passar ao pai para que chegue a heterossexualidade. A excitabilidade do clitóris precisa passar também para a vagina e ela precisa abandonar os fins sexuais ativos e transformar essas pulsões em passivas. Este é um caminho tortuoso e não restrito à mulher. Existem homens que assumem posições femininas, ou seja, que não situam o seu pênis como representante fálico e abandonam no caráter ativo de sua pulsão. Neste sentido, entende-se que de toda forma o feminino aponta para a falta em sua constituição e por isso é tão comum a aproximação da histeria ao feminino (COSTA, 2010).

A histeria é em sua essência a organização psíquica que provoca o desejo, que o movimenta, ou seja, que lida diretamente com a falta. A incompletude é inerente ao sujeito neurótico, mas enquanto o obsessivo evita se a ver com essa condição a histeria movimenta constantemente seu desejo a fim de buscar o gozo. É nesse sentindo que este trabalho investiga como a mulher histérica insere-se nessa lógica da falta, e sua reinvindicação por algo que dê conta dessa incompletude leva seu corpo a produzir os sintomas que foram ouvidos por Freud.

Neste ponto, faz-se necessária uma pequena compreensão da diferenciação feita por Lacan do que é propriamente o desejo feminino e não o histérico. Esta frase pode provocar certo incômodo, já que por vezes estes dois termos são usados de forma correlata quando se estuda a falta. Mas é de desejo que se trata aqui, e da forma que este assume em diferentes posições de enfrentamento. A histérica consome a falta, e dela extrai um gozo que caracteriza exatamente a posição assumida por esta, a de fascínio pelo objeto que causa desejo e não gozo.

A mulher, enquanto posição feminina, quer gozar. Seu desejo não está subjugado ao desejo do outro, mas constitui-se legítimo nele mesmo. Neste sentido é possível pensar que o gozo feminino faz da mulher o Outro, isto é, lhe coloca num lugar de alteridade. Mas, o querer gozar da mulher também vem acompanhado de um querer fazer gozar, uma vez que isso também faz parte do gozo feminino. É realmente complexa esta relação e Soler tenta esclarecê-la com a seguinte elucidação:

> (...) podemos compreender por que a histérica se presta a uma confusão com a posição feminina, e porque é mais frequente nas mulheres. A feminilidade implica a relação com o Outro, o homem, para se realizar como sintoma. O fato de ela acentuar o "fazer gozar", como acabei de dizer, não impede o "fazer desejar" que é condição dele. Daí, ao que me parece, a acentuação do núcleo histérico nas mulheres. A histérica passa pela mesma mediação do Outro, mas com fins diferentes, e não para se realizar com seu sintoma (SOLER, 2005, p. 55).

Assim, nesta aproximação da histeria e da feminilidade pela sua relação com o Outro é importante ressaltar a distinção da forma que essa relação assume. Enquanto a mulher usa dessa mediação do Outro para se realizar como sintoma, a histérica submete-se do desejo do Outro para identificar-se com a sua própria falta, o desejo dela é ser desejada. Soler diz em seu texto, *O que Lacan dizia das mulheres (2005)*, que a histérica é uma militante do que não existe, uma vez que, não faz do gozo sua questão, mas enaltece esse falta-a-ser que lhe representa. Por isso as conquistas fálicas lhe aumentam o sentimento de desapropriação, pois funcionam como um lembrete a todo o momento de que nessa corrida fálica ela sempre sairá perdendo

Quando é dito que a mulher, através da mediação do Outro, se realiza enquanto

sintoma, é da relação com o gozo que se trata. Lacan inaugura a ideia do sintoma como uma função do gozo. O sintoma seria assim um modo mais de gozar que de falar. No *Seminário livro 20 - Mais ainda (1985)*, Lacan discute que essa mulher-sintoma é um corpo com o qual se goza. Assim o sintoma, em sua singularidade, garante ao sujeito seu gozo, ou seja, ele vem suprir a ausência de uma relação sexual inscritível.

Conclusão

A luz dessas elucidações é possível compreender parte da lógica do funcionamento psíquico histérico. Essa organização possui um modo bastante particular de lidar com a falta que lhe é inerente. É exatamente essa falta que promove na histérica o dinamismo de seu desejo, a fim de protegê-la do gozo, que lhe é apresentado como um campo obscuro e hostil que pode oferecer riscos a integridade do seu *eu*.

Como visto, quando Freud refere-se ao desejo histérico, é mais do que de uma busca de gozo que se trata. Essa expressão se refere exatamente ao caráter eternamente insatisfeito desse desejo e como ele será uma defesa ao gozo. Isto é, ele é a chave do funcionamento histérico. Essa estrutura é marcada pela falta e o seu desejo visa de alguma forma supri-la, mas como essa falta diz da incompletude humana esse desejo nunca encontra fim. É nesse sentido que se entende que o desejo da histérica é ser desejada, ela identifica-se com a falta e não com o objeto de gozo. Ela não busca o gozo em si, ela busca algo que supra sua falta fálica, e isso limita suas possibilidades de satisfação, e a leva, geralmente à frustração.

É exatamente neste ponto que as contribuições lacanianas elevam essa discussão a desdobramentos importantes. Ao contrário de Freud que aproxima em demasia a histeria do feminino, por ser a falta um elemento constitutivo de ambas as posições, Lacan apresenta uma perspectiva diferente dessa falta. Ele diferencia o desejo histérico do desejo feminino, e assim diferencia a forma como essas duas posições lidam com a falta. Mas, algo é marcante nessas posições de lidar com a falta, como a denúncia incessante desse evento se fez ouvir por um estudioso como Freud, que a partir disso pode mudar o curso do pensamento moderno.

Referências

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 245.

COSTA, Teresinha. *Édipo.* Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 87.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XXII, 2006. p. 113-134.

FREUD, Sigmund. Os caminhos da formação dos sintomas. In: FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre Psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XVI, 2006. p. 361-378.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Um caso de histeria, três Ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. VII, 2006. p. 119-231.

FREUD, Sigmund. Casos Clínicos: Caso I, Srta. Anna O. In: FREUD, S. *Estudo sobre a Histeria.* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. II, 2006. p. 57-81.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: FREUD, S. *A história do movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XIV. p. 165-222.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina. In: FREUD, S. *O Futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931).* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XXI. p. 231-251.

FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. In:

FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939).* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XIII. p. 153-221.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise. In: FREUD, S. *O Caso Schreber, Artigos sobre a Técnica e outros Trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago Ed., v. XII. p. 279-285.

LACAN, Jacques. *O seminário:* Livro 20 mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985. p. 201.

MAURANO, Denise. Nos meandros do continente negro: questões sobre a homossexualidade feminina. In: QUINET, Antônio (Org.) e JORGE, Marco Antônio (Org.). *As homossexualidades na Psicanálise:* Na história de sua despatologização. Rio de Janeiro: Editora segmento farma, 2013. p. 315-324.

MAURANO, Denise. *Histeria:* O princípio de tudo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 139.

NASIO, Ruan David. Os dois grandes conceitos: o Inconsciente e o gozo. In: NASIO, R. *5 Lições sobre a teoria de Jacques Lacan.* Rio de janeiro: ed. Zahar. p. 09-46.

NASIO, Ruan David. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar,1997. p. 171.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ZALCBERG, Malvina. *A relação mãe e filha.* Rio de Janeiro: Editora campus, 2003. p. 205.